

# Índio não quer usina. Índio quer terra

**Tribos visitam hidrelétrica e reagem com ameaças**

**Ricardo Arnt**

**P**ORTO VELHO — A hidrelétrica de Samuel, a 35 quilômetros desta capital, recebeu uma visita insólita na última quinta-feira (dia 21): 75 índios gaviões, araras e zorós foram conhecer de perto uma usina — semelhante à que vai ser construída em Ji-Paraná, no oeste de Rondônia, que vai inundar parcialmente as terras deles.

Não gostaram. No final da visita ao impressionante canteiro de obras onde trabalham 3 mil operários, os índios se despediram com um canto ritual, entremeado de gritos de guerra, que dizia: "Nós somos guerreiros/ Matadores de gente". Para os antropólogos, foi uma advertência clara, já manifestada antes, de que as tribos não aceitam a represa de Ji-Paraná. Mas os engenheiros de Samuel, que se desdobraram para receber os índios com a maior cordialidade, provavelmente não entenderam nada. Foi tudo muito exótico.

A visita foi organizada pelo Consórcio Nacional de Engenheiros Construtores (CNEC), a empresa paulista encarregada dos estudos de viabilidade da usina, que poderá ser — ou não — construída em diversos pontos do rio Ji-Paraná. É muito pouco provável que ela não seja construída. Se a barragem for levantada no ponto denominado Ji-Paraná 14, a área inundada será de 957 quilômetros quadrados de floresta virgem, para gerar 240 megawatts de energia firme final, com 520MW de potência instalada.

Os estudos de viabilidade estão em fase final, e a construção deverá começar em 1989/1990, para entrar em operação em 1994, mas esbarraram num obstáculo: o lago da usina vai inundar parcialmente as terras da Reserva Indígena de Lourdes — onde estão 390 gaviões e 115 araras — e a Reserva Biológica de Jarú, além de populações ribeirinhas e camponeses. O curioso é que as duas reservas foram demarcadas

Porto Velho — Ricardo Arnt



**Os índios advertiram: "Somos matadores de gente"**

com recursos do Banco Mundial (BIRD) para o programa Pólo Noroeste. Agora, com recursos do mesmo banco para o Plano de Complementação do Setor Elétrico, vai-se inundá-las. Foi por isso que o representante americano na diretoria do Banco, Hugh Foster, votou contra a concessão do empréstimo, em julho de 1986, ressaltando, por escrito: "Isso é pura loucura".

Até agora, os índios da Reserva de Lourdes impediram o CNEC, e mesmo a Funai, de mandar técnicos para a execução da parte antropológica dos estudos de viabilidade. A empresa teve a idéia de organizar a visita dos índios à usina mais próxima, Samuel, a 300 quilômetros de distância. Foi preciso uma longa negociação. Os índios escolheram, entre si, aqueles que fariam a via-

gem. Muitos não falam português e jamais tinham saído da aldeia.

Lanchas fretadas pela empresa apanharam os índios nas aldeias e os trouxeram para a Casa do Índio de Ji-Paraná. O pessoal da CNEC encarregado da viagem teve que acomodar todo mundo, alimentar e manter todo o grupo junto. Vieram apenas três mulheres no grupo. O índio gavião Catarino Sebirop da Silva, 34 anos, chefe do Posto Indígena de Icolen, em Lourdes, teve um papel fundamental. Catarino, que foi criado entre os brancos, usa óculos escuros, botinhas e jeans, fala seis línguas indígenas e é o principal porta-voz dos interesses das comunidades. Dois ônibus lotados saíram de Ji-Paraná às 4h e chegaram às 10h30min em Samuel.

No caminho, os índios, pintados

de preto cor de guerra pararam para cortar ramos de buriti, para se enfeitarem com as fibras. Os engenheiros de Samuel esperavam na entrada da usina. A expectativa era mútua.

Enquanto Catarino traduzia em voz alta as explicações técnicas dos engenheiros, os gaviões, araras e zorós depararam-se com alguns dos mistérios da vida social, como o poder de bloquear e desviar o curso dos rios, inundar 600 quilômetros quadrados de floresta, conduzir as águas para dentro de paredes de concreto de 40 metros de altura, mover turbinas e outras coisas ininteligíveis. O que pensar a respeito de uma picadeira Palmann que reduz uma tora de tauari, de três metros por 50 centímetros de diâmetro, em cavacos em exatamente, sete segundos? E que consome 400 toneladas de árvores por dia para produzir 8,5 MW na minitermelétrica da barragem?

Em silêncio, eles passaram pela barragem de terra, o dique da margem direita do rio Jamari, a enxada e a casa de força. Foi aí, ao penetrarem no edifício de concreto da represa, por escadas estreitas, até as enormes turbinas, que começaram a soltar gritos de guerra. Os operários nordestinos acharam graça e começaram a imitar. A gritaria foi geral.

No final da visita, os índios foram levados para o cinema da vila residencial, onde assistiram ao documentário *Operação Curupira*, da Eletronorte, sobre as ações de defesa ambiental da usina de Tucuruí. Certamente, não entenderam nada. Terminada a visita, foi servido um almoço: churrasco, arroz, farofa com feijão e aipim. Os índios se atiraram sófregos às latas de Coca-Cola, Fanta e guaraná. Comeram bastante. No final, levaram as latas que serão usadas para recolher a seiva das seringueiras.

Houve apenas um momento de tensão. Na hora de ir embora, respondendo a um operador de vídeo que documentou tudo, Catarino explicou que os índios "não querem perder suas terras, a caça e as árvores". Diante da observação conciliatória de que "há muita terra na Amazônia", retrucou: "Os índios também acham. Por que vão fazer a usina nas terras deles?"